A presença portuguesa no comércio em Santos

Maria Suzel Gil Frutuoso
Unisantos

Santos, em fins do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, é uma cidade que possui belos edifícios coloniais, marcos da colonização portuguesa. Muitos deles preservados até os dias de hoje. Também prédios modernos, lojas sofisticadas e escritórios, pequenas e médias indústrias, monumentos, praças, jardins e atividade portuária intensa marcam a sua paisagem.

Há trânsito, ruído, movimento e vida. Há habitações elegantes e confortáveis que pertencem a santistas, paulistas e paulistanos representantes da elite. Há casas de pequenos, médios e grandes comerciantes estrangeiros e de trabalhadores. Há contrastes, mas a cidade fervilha de atividade com uma multidão heterogênea formada pelos da terra e por pessoas oriundas de outras cidades e outros estados e por uma gama de imigrantes.

Mas, essa fisionomia da cidade só foi possível graças ao projeto de saneamento de Saturnino de Brito, que favoreceu sua expansão e embelezamento.

Santos deve sua riqueza ao seu porto exportador de café mas também às atividades de importação de mercadorias que por ali passavam. É o porto, com seu grande movimento, que atrai tanta gente para a região. É uma cidade progressista, um dos centros comerciais mais importantes do país.

A Colônia Portuguesa se destacou, integrada na vida santista, dando-lhe sua contribuição ao desenvolvimento da cidade. Sua atuação abrange todos os ofícios: trabalhadores no porto e nos serviços urbanos, comerciários, artesãos, proprietários, negociantes, industriais e comerciantes, prestadores de

serviços, agentes financeiros e de entretenimento, para citar apenas algumas das atividades desenvolvidas pelos portugueses.

Dados obtidos no *Boletim de Emigração*,[1] enviados pelo Consulado Português em Santos e relativos ao ano de 1927, informam que os inscritos eram 2.333 cidadãos portugueses. Desses, 1.612 eram trabalhadores, sem especificar no que trabalhavam. Há um número expressivo de atividades urbanas exercidas por lusos. Contam-se, por exemplo, 96 empregados no comércio, 58 comerciantes e cinco negociantes (159 pessoas relacionadas a atividades comerciais).

Como sempre, há disparidades nas fontes estatísticas. O *Álbum da Colônia Portuguesa* cita 45.720 portugueses residentes em Santos no ano de 1928, mas inscritos no Consulado são 33.969. O Censo de 1920 apresenta 21.014[2] e o de 1940 indica 22.157[3] lusos em Santos. De qualquer forma, é um número expressivo de portugueses aí radicados, sendo a corrente imigratória mais volumosa, fazendo de Santos até meados do século 20 uma cidade portuguesa.

Com o aumento da população a cidade e o comércio entram numa fase de expansão já no início do século 20, um processo que se aceleraria nas décadas seguintes. Há estabelecimentos de tudo, dos mais simples aos mais sofisticados.

Os portugueses, assim como outros, aproveitaram-se da expansão populacional, urbana e econômica da cidade para atuarem nesse mercado consumidor. As atividades por eles exercidas foram variadas, mas o comércio seduzia o português, e, em uma cidade comercial como Santos, muitos encontraram aí a atividade desejada. Pierre Denis,[4] referindo-se ao luso, diz: "Todas as profissões na cidade lhe convêm e ninguém lhas disputa. Se tem, como sucede freqüentemente, aptidões para o comércio, faz-se lojista ou revendedor...".

---

1 Ver: Boletim de Emigração. *Relatório do Cônsul de Portugal em Santos, 1925.* (Inspeção Geral dos Serviços de Emigração. Lisboa: Imprensa Nacional, 1926); Boletim de Emigração. *Relatório do Cônsul de Portugal em Santos, 1926.* (Ministério do Interior. Inspeção Geral dos Serviços de Emigração. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928).

2 DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICAS. Ministério das Relações Interiores. *Recenseamento Geral do Brasil.* v. 3. 01 set. 1920.

3 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral do Brasil. 01 set. 1940. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1948.

4 DENIS, Pierre. *O Brasil no século XX*. Lisboa: Ed. José Bastos e Cia., [s.d.]. p. 18.

As atividades urbanas de fato atraem o português. Mesmo que por vezes seja oriundo do setor primário, a cidade lhe oferece outras perspectivas. Em 1925, o testemunho do cônsul luso em Santos revela essa preferência dos portugueses pelos serviços urbanos, "a contribuição anual da massa de emigrantes portugueses que a cidade de Santos recebe e acolhe em diferentes ramos de atividade, representa para Portugal, particularmente e comercialmente remessas calculadas em três a quatro milhões de escudos...". Daí o interesse de vários bancos portugueses na instalação de filiais em Santos: o movimento comercial era grande e havia uma população portuguesa significativa na cidade, boa parte dela com algum ou muito pecúlio, o que lhe permitia enviar dinheiro a Portugal. Os imigrantes de outras nacionalidades também podiam fazer uso dos bancos portugueses com a mesma finalidade.

Portugal vê com bons olhos as atividades urbanas, uma vez que, graças a delas, tanto os ganhos quanto as remessas ao país de origem seriam maiores. No início do século 20 (1902-1903), o *Almanach-Anuário* informa que na praça de Santos havia 14 casas bancárias, sendo quatro bancos brasileiros, três ingleses, dois italianos, um francês, um alemão e três portugueses.[5]

A ÁREA COMERCIAL

Com o aumento da população santista a expansão urbana se acelera e desenvolvem-se os ramos comerciais, industriais e de serviços. Amplia-se também o raio de atuação comercial, buscando outras ruas e regiões da cidade.

---

5 A Agência do Banco Comercial do Porto, localizada na rua Quinze de Novembro, 32, tinha como agentes em Santos Bento de Carvalho e Cia. Sacava sobre Portugal, Ilhas e Itália. A Agência do Banco do Minho localizava-se na Praça Mauá. Eram seus agentes Ferreira de Souza e Cia. Sacava sobre todas as cidades e vilas de Portugal e Espanha. A agência do Banco Alliança do Porto era Zerrenner Böulow e Cia. Sacava sobre todas as praças européias. Estava situada no largo Marquês de Monte Alegre. Mais tarde foram sendo instalados outros bancos portugueses, como o Banco Português do Brasil (para todas as operações), à Quinze de Novembro, em Santos, com sede no Rio de Janeiro e sucursal em São Paulo. Outro banco fundado por um português de Santos foi o Banco Faro. (*Almanack-Anuário 1902-1903*. Santos: Diário de Santos, [s.d.]. p. 28-34).

Não havia ruas específicas para este ou aquele tipo de comércio. As diversas atividades conviviam lado a lado, e até mesmo em ruas como a Quinze de Novembro, local dos grandes negócios ligados ao café, encontravam-se grandes e pequenos estabelecimentos comerciais, entre eles os de portugueses.

O comércio luso estendia-se principalmente, pelas ruas Quinze de Novembro, General Câmara, João Pessoa, Amador Bueno, Frei Gaspar, Visconde de São Leopoldo, do Rosário, praça Mauá, largo do Rosário (praça Rui Barbosa), São Francisco, Senador Feijó, Campos Sales e praça Iguatemy Martins. Essa praça na década de 1920 apresenta forte presença de lojas lusas. Localiza-se na região do Mercado, para onde se expandira a cidade, tornando-se uma área altamente valorizada, o que pode ser observado pela construção de belos edifícios com um ou dois andares, com estabelecimentos comerciais na parte térrea e residências na parte alta. A região hoje está bastante depreciada, porém, já apresenta alguma recuperação. Havia outras ruas com comércio, mas estas foram por muito tempo as vias comercialmente mais movimentadas da cidade e onde atuava a maior parte dos comerciantes portugueses.

Embora sem estatísticas confiáveis referentes ao número de estabelecimentos portugueses, sabemos que muitas firmas foram abertas no século 19 e no início do 20, e até meados desse século o comércio português em Santos marcava presença. Mesmo que o número de imigrantes portugueses tenha diminuído a partir da década de 1930 por força da lei, os lusos continuaram a chegar e mantiveram atividades de comércio, indústria e de serviços.

PANORAMA SOBRE RAMOS COMERCIAIS

Contar a história do comércio é falar também de relações sociais. É contar a trajetória de uma das atividades mais antigas da humanidade. Ao relacionar diferentes atividades comerciais, pode-se observar a ebulição da cidade.

Não houve aqui uma preocupação em quantificar os estabelecimentos e os ramos comerciais lusitanos, mas demonstrar a diversidade do comércio português. Para isso, fez-se um recorte, elegendo-se alguns que pareceram significativos, com base, sobretudo, nos anúncios em revistas, álbuns da colônia portuguesa e almanaques-anuários.

RAMOS COMERCIAIS

A PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DA BANANA E AS FÁBRICAS DE DOCES DE BANANA

O porto era o centro dinâmico, e o café seu motor. Mas não foi apenas esse produto que o movimentou. Há outros, entre eles a banana, que, produzida na Baixada Santista, aparece em destaque nas estatísticas de exportação, enviada de Santos para o sul com destino à Argentina, ao Uruguai, à Europa e à América do Norte.

O *Álbum da Colônia Portuguesa* (1929, p.406) informa que o segundo maior plantador e exportador de bananas era um português, possivelmente Adriano Dias Santos, proprietário de várias fazendas de gado holandês junto à ferrovia Santos-Juquiá. Era também agricultor, com extensos bananais na região. Seu escritório ficava na rua República de Portugal, em Santos. Talvez fosse ele o "príncipe das bananas", uma vez que a "rainha" era Áurea Conde.

Esse foi um dos ramos de negócios que despertou interesse luso, pois há registro de portugueses proprietários de bananais em vários municípios da Baixada Santista. Tanto o solo quanto o clima eram propícios ao desenvolvimento da bananicultura. A proximidade das fazendas e sítios com a ferrovia e com o porto de Santos favorecia essa atividade, fazendo dela um negócio muito rentável.

Uma vez que a banana era exportada pelo porto de Santos, era natural que aí surgissem fábricas de transformação da fruta. Esses doces eram muito apreciados pela população local e por turistas. Fabricavam-se bananadas, bananas-passas, bananadas cristalizadas e balas de banana, e a produção era vendida por atacado e no varejo. Esse ramo contou também com a participação de lusos, responsáveis pelas fábricas *A Leoneza* e *Elite*, por exemplo.

AS FIRMAS IMPORTADORAS

Na década de 1920 havia firmas importadoras que abasteciam a cidade com produtos lusos e de outras procedências. Parte dessas importações seguia

para São Paulo e o interior paulista, e algumas empresas pertenciam a portugueses, a exemplo da Bento de Souza e Cia., C. Costa e Cia., Souza Santos e Cia., Luiz França dos Santos e Cia. Outras surgiram ao longo do tempo.

O maior volume de importados consistia em gêneros alimentícios, em especial vinhos, conservas e frutas. Segundo o relatório apresentado pelo dr. René Bechors, secretário-geral da Associação da Imprensa Médica Belga em Bruxelas, publicado no *Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo*,[6] o vinho é considerado um alimento importante que possui qualidades terapêuticas, desde que não ingerido em excesso. O artigo gaba e incentiva o consumo de vinho, considerando-o um tônico estimulante e diurético, além de possuir poder bactericida e vitamina B; mais alcoolizado, favorecia a cura do artritismo. Essa louvação ao vinho facilitava evidentemente as vendas.[7]

A modalidade mais apreciada, no entanto, era o comércio varejista, e os armazéns de secos e molhados são associados ao imigrante português. Os produtos alimentícios importados eram considerados "requintados" ou "exóticos" pelos nacionais. Além dos imigrantes, seus filhos e netos também aprenderam a consumi-los na culinária preparada por suas mães e avós, como um aspecto próprio de sua cultura. Misturaram-se produtos e através destes os sabores, cheiros, lembranças e memórias de suas terras. O estado de São Paulo, em especial as cidades de São Paulo e Santos, foi bom mercado para os produtos portugueses em razão do grande número de imigrantes lusos aí residentes.

As casas comerciais que vendiam alimentos eram disputadas, no que se refere tanto a produtos importados quanto a produtos nacionais. Algumas eram filiais de empresas portuguesas, a exemplo da Casa Mourisca, pertencente à firma Ribeiro Moura e Cia., filial de Castro Moura e Filhos, em Régua, Carrazeda de Anciães, em Portugal. Vendia finos produtos de alimentação importados, como vinhos, champanhes, frutas, conservas e laticínios. A organização, o conforto e a variedade de produtos faziam dela uma das mais conceituadas de Santos. Situava-se na rua General Câmara, e eram seus sócios Joaquim

---

6 *Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo*, jan./fev. 1933. São Paulo: Gráfica Godoy. p. 3.

7 Em 1º de julho de 1933 foi inaugurada na avenida Brigadeiro Luís Antonio, 50, a nova sede da Câmara Portuguesa de Comércio, com uma exposição que apresentava grande variedade de produtos lusos, demonstrando a operosidade do país, dando uma idéia do que se pretendia exportar.

e Amadeu Ribeiro Moura, os quais gozavam de prestígio na cidade. Fazia transações com Portugal, Espanha e França, mantendo correspondentes em diversas cidades do Brasil.

Outras casas comerciais identificavam a origem de seus proprietários, a exemplo da Carreira do Minho, na rua Frei Gaspar, também especializada em alimentos (frutas, conservas, molhos, lanches e bebidas finas, vinhos de mesa; vendia também a famosa manteiga de Mococa). Além das vendas no varejo, servia lanches e era bem freqüentada.

Diversos estabelecimentos comerciais ostentam o nome "Minho", tanto em Santos como em São Vicente (Carreira do Minho, Casa do Minho, Armazém do Minho), sobretudo em firmas comerciais de fins do século 19 e primeiras décadas do século 20, lembrando que muitos portugueses em Santos eram oriundos dessa região, no Norte de Portugal. Isso vem confirmar as estatísticas sobre o período, as quais apontam que o maior volume da corrente imigratória portuguesa vinha do Norte, sendo a província do Minho uma das que mais contribuíram para a emigração portuguesa.

As panificadoras e confeitarias

Não eram apenas os armazéns de secos e molhados que atraíam o luso; outros ramos de comércio também lhe despertavam interesse, entre os quais as atividades de indústria e comércio. As padarias e confeitarias, por exemplo, tiveram portugueses à frente, e representaram um bom negócio. Há um número elevado delas em Santos.

A indústria de panificação estava em franco progresso, mesmo que em muitos lugares o pão ainda fosse produzido de forma artesanal, amassado com as mãos. Aos poucos, as velhas instalações são substituídas por máquinas modernas, produzindo pão e outros alimentos à base de farinha. A higiene aparece como uma exigência.

Pelo porto de Santos importava-se trigo da Argentina; parte dele ficava na cidade e abastecia os moinhos santistas. Essa facilidade na obtenção da matéria-prima talvez possa explicar o grande desenvolvimento de panificadoras em Santos. O *Álbum da Colônia Portuguesa* (1929, p.416-7) traz o nome de algumas delas. Diversas padarias e confeitarias chamam a atenção pelo movimento.

A Estrela, de Lourenço e Bento, situava-se na rua Amador Bueno. Além dos pães, fabricava bolachas e doces e aceitava encomendas para festas, principalmente de casamentos e batizados, fato comum em quase todas. As panificadoras de lusos produziam até mesmo pães regionais e de outras nacionalidades. A Rio D'Alva era de propriedade de J. Lourenço e Irmão e situava-se na praça Iguatemy Martins, em região em franco desenvolvimento. Os sócios destas duas panificadoras tinham outro estabelecimento do gênero em Campinas, o que demonstra expansão dos negócios e visão comercial, uma vez que Campinas era outro importante centro econômico do estado. Essas duas panificadoras, assim como outras, tinham um serviço de entregas em domicílio. Após o fabrico, vinha a venda no balcão e a distribuição, feita com triciclos e carroças. Os pães eram acondicionados em grandes caixas do tipo arca, fechadas, e o pão distribuído a outros estabelecimentos.

Outra modalidade de venda de pães à qual os portugueses se dedicaram foi a formação de freguesias. Compravam o pão nas padarias e o revendiam de porta em porta. Uma freguesia podia ser pequena, média ou grande, variando de 30 a 50 e até a 150 residências.[8]

Confeitarias fabricavam e vendiam doces, cremes, chocolate, chá, sorvetes, bebidas nacionais e importadas, além de conservas. Eram freqüentadas principalmente por senhoras e senhoritas, embora fosse comum encontrar aí reunidas famílias inteiras. Atendiam também fregueses em trânsito pela cidade.

Torrefações de café, e os cafés, adegas, bares e restaurantes

As torrefações e a moagem de café perfumavam o ar da cidade. Em Santos havia um bom número delas, vendendo por atacado e a varejo, a exemplo

8 FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *Emigração portuguesa para o Brasil:* o caso de Santos, 1850-1950. Dissertação (Mestrado)– Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990. p. 138. Ver também: FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. O café e a imigração em Santos. In: PEREIRA, Maria Apparecida Franco (Org.). *Santos, café e história.* Santos: Leopoldianum, 1995.

do tradicional Café Adelino e do Café Luso-Brasileiro, que forneciam o produto também para navios.

Além das confeitarias, os cafés são talvez os estabelecimentos que mais chamam a atenção pelo bom gosto e pelo ar descontraído de seus ambientes, muitos deles na região dos negócios cafeeiros e freqüentados apenas por homens. Alguns simples, outros elegantes, uns no coração dos grandes negócios, outros em ruas periféricas, mas a grande maioria deles no centro da cidade, em ruas cheias de burburinho e movimento. Mesinhas em mármore, paredes com espelhos, cortinas, lustres, metais dourados, cristais, porta-chapéus e casacos, ou simplesmente mesinhas e balcões de madeira. Seja como for, estão associados à paisagem urbana santista.

As adegas, além de venderem bebidas funcionavam como pequenos restaurantes, servindo refeições e petiscos. Nos bares eram servidas bebidas e lanches no balcão e em mesas. Nesses locais, assim como nos cafés, fluíam as conversas, que em geral enfocavam os negócios, o trabalho e os acontecimentos na cidade. Já os restaurantes contavam com serviços mais completos. Grandes e médios negócios em geral encontravam-se no centro, e um número considerável de empresários e trabalhadores optavam por fazer as refeições "na cidade", criando o hábito de almoçar fora e movimentando, assim, o comércio de alimentação. Surgem e tornam-se muito conhecidos e freqüentados os restaurantes típicos portugueses especializados em frutos do mar e peixes. Ofereciam no seu cardápio antigas receitas portuguesas e outras adaptadas à região. Vários deles eram conhecidos em São Paulo e freqüentados por pessoas da capital.

As sapatarias

Outro ramo de comércio de interesse dos lusos foram as sapatarias, de todas as dimensões. Observa-se, porém, que não se tratava apenas de um comércio varejista, pois algumas vendiam sua própria produção. Surge assim a modalidade de fabricantes e comerciantes de calçados.

O calçado, antes um produto caro, popularizou-se. A indústria de sapataria transformou-se, como uma exigência da moda. Em Santos, São Vicente e Cubatão (que na época fazia parte do município de Santos) havia vários

curtumes, o que talvez facilitasse o desenvolvimento da indústria de calçados na região. Pelo que foi possível verificar trata-se mais de pequenas indústrias. A produção feita manualmente em simples oficinas, com pouco conforto, logo passou para espaços mais amplos, com maquinário adequado e com artesãos que eram verdadeiros artistas no que tange às suas criações. O calçado tornou-se mais elegante, confortável e requintado, principalmente o calçado feminino. A melhoria nas condições de fabricação favorece maior produção e melhor preço, atendendo a todas as classes sociais.

Depois de fabricados seguiam para as casas comerciais, neste caso do próprio fabricante, que também o vendia a outros comerciantes. Os próprios estabelecimentos de vendas também se transformaram; houve um incremento, multiplicaram-se as lojas que disputavam entre si o público comprador. Longe iam os pés descalços e os sapatos domingueiros. Em Santos há vários estabelecimentos do gênero, atraindo compradores. Sapatarias como Casa Braga, Sapataria Esperança e Sapataria Progresso, entre outras, eram fabricantes e comerciantes. Pertenciam à firma Braga e Cia., a Sapataria Progresso e a Casa Braga; situavam-se na praça Iguatemy Martins e na rua Frei Gaspar. A Sapataria Esperança pertencia a Souza e Braga, e estava instalada na rua São Leopoldo. Os sócios eram Antonio Sousa Braga (fundador) e Agostinho de Sousa Braga.[9]

Essas pequenas indústrias fabricavam calçados masculinos, femininos e infantis, e as sapatarias os vendiam, juntamente com outros produtos – guarda-chuvas, sombrinhas, malas para colegiais, malas de viagem e chapéus de feltro, por exemplo. Havia ainda estabelecimentos chamados de "sapatarias", na realidade oficinas de conserto de calçados; algumas tinham portugueses como proprietários. Na maior parte das vezes tratava-se de uma pequena loja, na qual trabalhava o proprietário com um ajudante.

Firmas ligadas à construção civil

Na medida em que cresce a população, tem-se necessidade de novas moradias e a expansão urbana se intensifica, gerando um aumento na deman-

9 CARINHAS, Teófilo (Org.). *Álbum da colônia portuguesa no Brasil.* Lisboa: Oficinas Gráficas do "Número" de Carinhas e Cia., 1929. p. 418.

da de materiais para construção. Nessa atividade encontramos portugueses comercializando pedras, cimento, tijolos e outros artigos. Alguns não atuam apenas no ramo de vendas de materiais de construção, optam também por ser empreiteiros e construtores. Em Santos os portugueses sempre estiveram atentos à construção civil, como trabalhadores e empresários. Atualmente uma das maiores construtoras da cidade pertence a um português: Armênio Mendes começou sua vida profissional como carpinteiro e hoje é proprietário da construtora Miramar, responsável pela construção de edifícios residenciais, hotéis e *shopping centers*.

As serrarias também estão ligadas ao crescimento da cidade e à construção civil. Há necessidade de madeira para a construção propriamente dita. Em Santos a demanda por chalés, moradia típica dos trabalhadores, aumentava dia a dia. Janelas, portas, portões, assoalhos e forros para tetos eram fabricados por elas. Algumas também fabricavam pregos e móveis de excelente qualidade e beleza. Esta foi uma das atividades com forte atuação lusa. Era muito conhecida na cidade a Serraria Progresso, da firma Antonio Domingues Pinto e Cia., que fabricava portas, janelas, portões e pregos (Carinhas, 1929, p.420).

As vidraçarias produziam vidros para portas e janelas, espelhos, cristais, vidros em geral e molduras para quadros. A firma Bento e Dias localizava-se na rua do Rosário. A Vidraçaria Santista, por exemplo, sempre foi considerada um estabelecimento de primeira linha, fabricando e comercializando seus produtos. Possuía amplas instalações e agradável atendimento, tornando-a uma empresa próspera e muito conceituada.

O COMÉRCIO DE FERRAGENS

O comércio de ferragens foi bastante apreciado pelos lusos. Várias lojas são de sua propriedade ou estão sob sua direção. São ferramentas importadas, fechaduras e ferragens em geral. A Casa Farol, uma das mais bem montadas e conceituadas, localizava-se também na praça Iguatemy Martins; foi fundada em 1910 e logo teve grande incremento. Seu proprietário, Luiz Couceiro, vendia ferragens, louças, vidros, tintas, óleos, cabos, cordas, fantasias, barbantes, fios para redes, artigos para construção e artigos para presentes. Essa casa tor-

nou-se um estabelecimento tradicional, com movimento considerável, negociando com todo o país e com casas estrangeiras (Carinhas, 1929, p.419).

O COMÉRCIO DE ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS

Com o desenvolvimento do automóvel cresceram suas vendas, como também as de seus acessórios. No início do século 20, possuir um automóvel era manifestação de riqueza, mas de objeto de luxo ele passou a útil e necessário. Daí o grande desenvolvimento e expansão de estabelecimentos do gênero, nos quais encontravam-se todos os acessórios, inclusive os artigos para radiofonia. Nos anúncios é possível observar os equipamentos e acessórios vendidos, cujas marcas ficaram na memória de muita gente: *Columbia*, *Eveready* e *Sport Oil*, todos importados. Nessa modalidade de comércio também encontramos portugueses, em firmas como a Duarte Pacheco e Cia., localizada na praça Visconde de Mauá, bem no centro da cidade, local intensamente movimentado; e a Álvaro Pereira e Cia., na rua do Rosário. Iam "de vento em popa" (Carinhas, 1929, p.418).

Em Santos, a modernização dos transportes e a proibição de circulação de carroças e animais para transporte de mercadorias favoreceram também as vendas de veículos automotores, ramo que os portugueses consideraram bastante promissor.

TIPOGRAFIAS

A expansão de escritórios, graças a atividades diretas e indiretas relacionadas com o porto e outras atividades econômicas, assim como o aumento no número de escolas e de colegiais, e as festas, com a encomenda de convites, trouxeram um incremento nos negócios da indústria tipográfica. Nesta modalidade também atuaram portugueses.

A Tipografia Carvalho, considerada uma das mais importantes da cidade, atravessou o século 20. Das suas oficinas saíam trabalhos de alta quali-

dade, transformando-a em grande centro gráfico, não apenas em Santos, mas em toda a região.

Havia ainda lojas que vendiam jornais e revistas. A firma J. Paiva Magalhães, situada na rua do Rosário, era uma agência de jornais, revistas nacionais e estrangeiras, e mais tarde transformou-se também em papelaria (Carinhas, 1929, p.421).

Outros ramos comerciais

As alfaiatarias, as lojas de vestuário e de enxovais, bem como armarinhos, farmácias, ourivesarias, relojoarias, salões de barbeiro que também vendiam cremes, loções, sabonetes e perfumes importados, principalmente franceses, possuíam ainda instalações para atender a senhoras e crianças. Além desses estabelecimentos, os depósitos de bebidas, a fabricação e distribuição de pinga (aguardente de cana-de-açúcar), os depósitos e locais de comercialização de alfafa (a cidade contou durante muito tempo com muares para o transporte de passageiros e mercadorias, principalmente o café), entre outros, fazem parte do rol de interesse dos portugueses. É oportuno citar um grande empresário português, o sr. Freixo, que durante décadas comandou a maior empresa de entretenimento, a Freixo e Cia., proprietária de teatros e cinemas na cidade de Santos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa delineou-se uma atividade econômica bastante consistente dos portugueses na cidade de Santos. O que se evidenciou foi a disposição lusitana, aproveitando-se da expansão urbana e econômica da cidade para se dedicar, por exemplo, ao comércio, tanto de importação quanto de exportação, por atacado e sobretudo no varejo. E a atividade econômica dos lusos apontou para diversas direções, abrangendo também a fabricação de diversos produtos.

Procurou-se, aqui, especificar alguns ramos comerciais e industriais, sem, no entanto, esgotar o assunto. Ao participaram de praticamente todos os ramos comerciais existentes na cidade, os portugueses marcaram presença, contribuindo para o desenvolvimento econômico de Santos e da Baixada Santista, numa época repleta de possibilidades.